

Universidade ❧ ❧ ❧

❧ ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ Livre

Telefone n.º 4322

Instruir é constituir.

V. HUGO

A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até à morte.

G. HAUBERT

BOLETIM MENSAL

SUMÁRIO:

DUARTE PACHECO (1504) . Pag. 88

D. LOURENÇO D'ALMEIDA
EM CHAUL (1507) » 92

CONFERENCIAS DURANTE O
ANO LECTIVO 1915-1916. . . » 96

CURSOS FIXOS (MAPA) . . . » 98

MAPA DO GRAU DE HABILITAÇÕES » 99

MAPA DAS PROFISSÕES . . . » 100

Balancete do mês de Julho de
1916 » 101

Balancete do mês de Agosto de
1916 » 102

ANO III ❧ ❧ ❧ ❧

❧ ❧ ❧ N.ºs 31 e 32

JULHO E AGOSTO DE 1916

LISBOA.

PROPRIETARIO: ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ ❧

❧ ❧ ❧ ❧ ❧ Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR: ❧ ❧ ❧ ❧ ❧

❧ ❧ ❧ ❧ ❧ Alexandre Ferreira.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —

Praça Luís de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia
Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

PREÇOS:

AVULSO, 5 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 50 CENT.

Para quem estuda a historia da India, não só nos chronistas, mas na riquissima mina dos monumentos ineditos, o canto x dos *Lusiadas* tem uma significação e valor especiaes.

É preciso conhecer profundamente o character dos principaes personagens daquella conquista, para chegarmos a uma comprehensão verdadeira das estancias em que o genio de Camões pinta aqueles heroes.

É pasmoso! A's vezes dois versos são a sintese de um grande feito. Em dois traços resáe semelhante, da téla, o retrato de um grande homem. Que fina intuição, alcance de olhar, justiça, severidade, sinceridade!

Nas oitavas do ultimo canto, Camões, não só vinga Duarte Pacheco da ingratidão vilã e infame de que foi victima, mas debuxa-lhe as feições, projecta-lhe a estatura, põe-lhe em volta da cabeça a aureola da gloria e do martirio!

Nalguns versos transpira a colera de Juvenal:

Isto fazem os reis cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade

Notavel desassombro de animo no tempo em que o rei era uma entidade divina!

Nas estrofes consagradas pelo poeta ao desventurado capitão ha ao mesmo tempo a ira e a tristeza de Isaías.

A Musa continua depois invocando as outras grandes figuras, e com a mesma penetração e concepção prodigiosa apanha o momento e a luz historica para tirar exactas as fisionomias de D. Francisco de Almeida, Afonso de Albuquerque, Nuno da Cunha, D. João de Castro, etc., conservando-lhes o esplendor e as sombras, as grandezas e as miserias — com a mão segura e realista do genio!

A historia de Duarte Pacheco é breve, mas é um poema. O Oriente ficava descoberto por Vasco da Gama; houve, porém, um momento em que a nossa conquista estava perdida se não

fosse aquele homem. Nestas scenas não se pode fazer a sua historia; gizar-lhe-hemos, apenas, as principaes feições, esfumando os quadros em que aquele espirito singular salvou um futuro imperio pela andacia, pelo talento, pela paciencia, pelo amor fanatico, pela bravura indomavel!

A Duarte Pacheco podem applicar-se, com toda a verdade, os dois magnificos versos de Soares de Passos, na ode a Camões:

Parece que a fortuna em seus revezes
Lhe mediu pelo genio a desventura!

Com a partida dos Albuquerque para o reino ficava o rei de Cochim em risco iminente. O odio do Samorim a este, desde que elle protegêra Pedro Alvares Cabral depois do revez de Calecut, era tão grande como o que votava aos portuguezes.

A perda de Cochim, onde já os Albuquerque e Duarte Pacheco haviam levantado fortaleza, era uma perda fatal. Combinou-se, pois, que Duarte Pacheco ficasse na sua nau, e Pero Rafael e Diogo Peres, cada um em sua caravela; cem homens na guarnição dos navios, e cincoenta na fortaleza. Por um golpe de mão atrevido, Pero Rafael lograra arrebatrar seu irmão, que ficára na feitoria de Calecut, com outros portuguezes e os filhos de Aires de Goveia.

Subiu de ponto a colera do Samorim com a nova da fuga daquella gente, sobre a qual estava por momentos para exercer as suas vindictas, e resolveu atirar-se com todo o poder aos de Cochim; desbaratar Duarte Pacheco, e aniquilar definitivamente a nossa influencia na India. Seria, naquele momento, facil empreza, quando á frente de um punhado de portuguezes não estivesse um homem como Duarte Pacheco. Um punhado era de facto; já dissemos que não excediam a cento e cincoenta, e nos naires que deviam auxiliá-lo depositava Pacheco mediocre confiança, se, porventura, não receava, a cada passo, que viessem a trahil o.

As gentes dos rahjas do Malabar, aliadas ao grande poder de Calecut, preparavam-se para cair sobre o braço do nosso temerario, que inspirado no amor dos grandes feitos, unico ideal das almas superiores, esperava tranquillo e sorrindo as ondas embravecidas daquele gentio.

Momento supremo!

Quando o animo do rei de Cochim estava cortado de susto, a ponto de lhe propor que se refugiasse com ele em Cananor ou Ceilão, Duarte Pacheco respondia-lhe:

«Senhor, por ti havemos de morrer, como por nosso rei natural.»

E preparava-se, não só para esperar o Samorim, mas para sair-lhe ao encontro. Este rasgo de audacia levantou os espiritos e logrou sopitar os impetus de rebelião, que andavam latentes nos caimões e principaes da terra. Com uma caravela e alguns barcos, levando trezentos homens do paiz e oitenta portuguezes, foi acometer os de Calecut em Repelim. Na primeira refrega os trezentos malabares viraram as costas e fugiram de voga arrancada, ao passo que os nossos, atirando-se aos do Samorim, numa arremetida tigrina, conseguiram desbaratal-os.

O primeiro rasgo audacissimo de Duarte Pacheco era coroadado pela victoria; e o Samorim, depois daquele revez, que os seus astrologos e adivinhos lhe haviam profetisado como victoria certa, ter-lhes-ia mandado cortar a cabeça a todos se elles não soubessem iludir, com promessas de novos sortilegios, o espirito fanatico e ignaro do seu omnipotente senhor.

Não fazemos aqui a relação por menor dos passos e dos lances incriveis daquela lucta, admiravelmente narrada pelos chronicistas, sobre todos, emquanto á elegancia, por João de Barros e Faria e Sousa.

O nosso fim, nestas scenas, como por vezes o temos repetido, é delinear as principaes feições de certos homens, bosquejando apenas os quadros em que eles figuram. Duarte Pacheco não tem só de se ver a braços com o inimigo extraordinario em numero, e cada vez mais embravecido, tem ainda de luctar com os de casa, porque os mouros, poderosos em Cochim, movem-lhe guerra, armando-lhe laços, e urdindo-lhe tramas. Neste ponto, o bravissimo soldado mostra que possui os dotès de finura e perspicacia que se requerem para os ambages e meneios da diplomacia.

Repetem-se os assaltos, inventam-se maquinas de guerra, com que o rei de Calecut conta pôr termo á luta; projetam envenenar as aguas — e ainda á sagacidade de Duarte Pacheco se deve o haver-se frustrado este plano terrivel — ; numa palavra, tudo se desencadeia sobre aquele homem, e tudo logra ele conjurar, com a sua vontade, o seu braço, o seu genio!

Os bravos que o rodeiam vão sendo dizimados pelas febres e pelo ferro inimigo.

Embora: não só se defende daquelle enorme poder, mas obriga o Samorim a abandonar o campo, recolhendo-se a fazer penitencia, convencido de que tamanhos desastres só podem ser filhos de um prodigio.

Quando Lopo Soares chegou com as naus do reino, Duarte Pacheco tinha ainda na mão a espada rutilante e victoriosa, porém já a inveja mordida na sombra aquele desventurado genio! ⁽¹⁾
Tal homem morreu na miseria!

«Portuguezes na India», *Bolhão Pato*

(1) Numa carta de Duarte Pacheco a el-rei D. Manoel, carta que está no Archivo Nacional, queixa-se o desditoso capitão, em termos bem amargos, por lhe negarem o soldo da sua gente, dizendo, entre outras coisas: «quer vossa alteza agora mostrar alguma maneira de desagradecimento na paga dos soldos desta gente, que vos tão bem serviu sendo tão pouca, com tanto trabalho e risco de suas pessoas.»

O desagradecimento ao menos não tardou!

D. Lourenço de Almeida

EM CHAUL

1507

Depois de desbaratar a armada do Samorim, descobrir Ceilão e as Maldivas, haver-se batido naquela luta singular e extraordinaria no assalto de Penane, ter feito, numa palavra, actos de heroicidade em todos os pontos do Oriente onde tivera de pelear, D. Lourenço de Almeida saiu para Cambaia comandando uma armada de dôze vélas. Andando a correr a costa, cairam noroestes fortes, e D. Lourenço veio abrigar-se no rio de Chaul.

Era aí que devia dar-se a ultima e grandiosa luta. Um dia apresentou-se um bramane trazendo um presente de uvas, e pedindo para falar em secreto com D. Lourenço. O bramane fez revelações importantes sobre uma poderosa armada de rumes, que chegára a Diu, onde o seu comandante, Mir-Hocen, se entendêra com o capitão da cidade, Melequiaz, aventureiro astuto e audaz.

Afirmava o bramane que o rei de Calecut mandára vir os turcos, em que tinha grande confiança, contando poder, com o auxilio deles, exterminar os portuguezes no Oriente.

Não desprezou D. Lourenço o aviso, antes reuniu immediatamente os seus capitães. Os do conselho não deram, porém, valor ás palavras do bramane, attribuindo aquelas confidencias á industria dele para os fazer cair nalguma cilada. D. Lourenço de Almeida, levado pela natural intrepidez e valor juvenil, a não se se acautelar com a devida prudencia, foi de acordo com os seus capitães, e não se apercebeu para o que podia acontecer. Estavam folgando em terra, jogando a barra e a lança, quando correu a nova de que se aparelhava para entrar o rio uma grande esquadra.

Os portuguezes não conheciam as naus dos rumes, que se pareciam com as nossas, e julgaram que era a armada de Afonso de Albuquerque, por quem esperavam todos os dias.

Só quando as naus estavam já na boca do rio é que deram pelo engano, sendo apanhados improvisadamente. O capitão da

frota era Mir-Hocen. As suas naus vinham aparelhadas á levantisca com potes e redes de que os portuguezes não usavam.

A bravura, sangue frio e pericia dos nossos fizeram com que num relance se preparassem para receber o inimigo. Trouvou-se o combate a ferro e a fogo, combate interrompido pela noite, mas que até esse ponto se decidira a favor dos nossos. Mir-Hocen, ao romper do dia seguinte, já se preparava mais para a defeza do que para a aggressão, assombrado de que homens, apanhados de assalto e por tão grandes forças, apresentassem tamanha resistencia. Assim que despontou a madrugada, recommçou a luta.

Os turcos, apertados pela furia dos nossos, saltavam na vasa e ali eram acabados ás lançadas. D. Lourenço entendeu que chegára o momento de jogar com toda a artilheria. Do nosso lado caíra morto o primeiro personagem de vulto, Antonio Barreto de Magalhães; do lado dos turcos Maymame Mascar, homem que tinha conseguido negociar a armada dos turcos para se vingar de nós.

A victoria era decididamente nossa, quando depois do meio dia, aos gritos de fuga e de terror, que denunciavam o panico na frota de Mir-Hocen, succederam estrepitosos clamores de alegria.

O gageiro de D. Lourenço descobriu da gavea uma grande frota de fustas. Era Melequiaz, senhor de Diu, que vinha socorrer Mir-Hocen. D. Lourenço, apesar do lance imprevisto, que vinha subitamente arrancar-lhe das mãos a victoria alcançada, nem se perturbou nem vacilou. Deu ordem a alguns navios e galés que caissem sobre as fustas. Os inimigos não contavam com a decisão dos nossos. Cegos pelo que já tinham como triumpho, disparavam sem atenção a artilheria miuda, e coalhavam o rio de frechas, ao passo que os portuguezes os dizimavam combatendo-os com ordem e disciplina. Com a noite vieram as treguas do combate. A frota de Melequiaz, apesar da refrega que apanhou dos nossos, conservava ainda a sua gente fresca; mas tanto do lado dos portuguezes como dos rumes era grande a fadiga. Trataram de restaurar as forças para o dia seguinte.

D. Lourenço de Almeida fôra nesse dia ferido por duas frechadas, uma delas no rosto, mas depois de uma sangria que lhe aplacou a febre, segundo a expressão de Barros, ficou tão fresco que logo do melhor animo reuniu conselho dos seus capitães sobre o que se havia de ordenar para o dia seguinte.

Olhando ao estado da gente onde havia grande quantidade de feridos, á falta de munições, ás forças do inimigo, a pruden-

cia aconselhava que saíssem do estreito do rio reunindo-se ás naus de Cochim, porque fóra do rio e em mar largo podiam aventurar o combate em melhores condições. D'este modo viam os mais avisados e prudentes do conselho.

Tal expediente quadrava á razão de D. Lourenço, mas aos seus brios e lustre de cavalleiro repugnava a saída de noite. Disse esta frase: «na minha terra chamam a isso fugir». Optava pois por que as naus de Cochim transpuzessem a barra, e ele com a manhã clara as seguisse. Com effeito, dispersa a nevoa da madrugada, e podendo enxergar as manobras das diversas embarcações, D. Lourenço levantou do rio. A gente de Melequiaz, vendo partir D. Lourenço, julgou que era fuga e com vozear estrondoso principiou a disparar a artilheria miuda e milhares de frechas. Respondia-lhe D. Lourenço com tiros certos, que, apanhando as fustas em cheio, as afundavam; mas os pelouros e settas dos adversarios faziam tambem grande estrago entre os nossos. N'isto, a nau em que ia D. Lourenço desgovernou, indo cair sobre a estacaria, especie dos nossos caneiros, de que a gente da India se servia e serve ainda para pescar, sendo cruelmente varada pela artilheria dos rumes e acossada pelas fustas de Melequiaz.

Os bravos que estavam com D. Lourenço apertavam com ele para que em taes extremos os abandonasse, dizendo-lhe:

«Senhor, salvae-vos no batel, que mais valeis vós vivo do que todos nós!» ⁽¹⁾

D. Lourenço, era um homem da tempera dos herois, respondeu-lhes:

«Não cabemos todos no batel. Ide vós, e mandae depois por mim.»

Neste ponto uma bala quebrou-lhe ambas as pernas. D. Lourenço caiu. A ferida era mortal. Correram todos a ele chorando. D. Lourenço, junto do mastro, os olhos serenos, o rosto marcial já anuviado com as sombras da morte, disse para os seus cama-

(1) D. Lourenço de Almeida, antes de ser ferido, e sentindo que estava perdido o combate, segundo referiu Alvaro Lopes, mestre da sua nau, disse para Diogo Pires, seu ayo, que o abandonava, as seguintes palavras, que vêm nos comentarios: «O' trédor judeu, vai tu muito embora, que eu te prometto que se d'aqui escapo, que perante meu pae, pois vivo enganado contigo, te eide matar ás punhaladas, que me puderas valer com a galé e não quizeste».

radas e amigos: «Companheiros, irmãos, acabou a minha vida que o mundo me tinha emprestado, e minha alma vae dar contas a Deus». Ainda os aconselhou sobre o que deviam fazer naquele terrível momento, e instantes depois expirou.

Assim acabava, na flor dos anos, no crescer rutilante da gloria, aquele moço, figura juvenil, simpatica e heroica, a ponto de sobresair de entre a bravura taurina dos nossos portuguezes das guerras do Oriente! ⁽¹⁾

«Portuguezes na India», *Bolhão Pato*.

⁽¹⁾ E só D. Lourenço os tornava a deitar fóra com matar e ferir muitos; e taes cousas fez neste dia que os nossos estavam espantados. Gaspar Corrêa, *Lendas da India*, tom. I part. II, pag. 766.

Conferencias durante o ano lectivo de 1915-1916

Ano	Mez	Dia	Nomes dos conferentes	Local das conferencias	Tempo de duração	Assistencia		Clichés	Impressos	Assunto das conferencias
						Cava- lheiros	Senho- ras			
1915	Julho	1	Antero de Seabra.	Universidade Livre	0 h - 50'	43	10	6	300	«O Corpo Humano» — 16. ^a lição.
»	»	8	Antero de Seabra.	»	0 h - 40'	44	29	5	300	«O Corpo Humano» — 17. ^a lição.
»	»	15	Antero de Seabra.	»	1 h - 10'	56	34	4	300	«O Corpo Humano» — 18. ^a lição.
»	»	22	Antero de Seabra.	»	0 h - 55'	54	17	8	300	«O Corpo Humano» — 19. ^a lição.
»	»	29	Antero de Seabra.	»	1 h - 05'	65	31	6	300	«O Corpo Humano» — 20. ^a lição.
»	Nov. ^o	7	Dr. Albino Vieira da Rocha	»	1 h - 10'	96	7	—	500	«Finanças Nacionais» — Curso Po- pular — 1. ^a lição.
»	»	27	Paul Dálannoy—Professor da Universidade de Louvan	»	1 h - 20'	253	59	14	—	«Sobre a Belgica».
»	»	28	Dr. Antonio Ferrão	»	1 h - 15'	155	26	12	500	«As Origens e Causas da Guerra Actual» — 1. ^a lição.
»	Dez. ^o	5	Dr. Antonio Ferrão	»	1 h - 40'	104	12	20	1000	«As Origens e Causas da Guerra Actual» — 2. ^a lição.
»	»	12	Dr. Antonio Ferrão	»	1 h - 55'	109	22	17	—	«As Origens e Causas da Guerra Actual» — 3. ^a lição.
»	»	19	Dr. Albino Vieira da Rocha	»	1 h - 15'	104	13	—	500	«Finanças Nacionais» — Curso Po- pular — 2. ^a lição.
»	»	26	Dr. Albino Vieira da Rocha	»	0 h - 50'	75	6	—	300	«Finanças Nacionais» — 3. ^a lição.
1916	Jan. ^o	2	Dr. Albino Vieira da Rocha	»	1 h - 10'	142	11	—	300	«Finanças Nacionais» — 4. ^a lição.
»	»	5	Antero de Seabra.	»	0 h - 40'	36	11	9	300	«O Corpo Humano» — 21. ^a lição.
»	»	9	Dr. Antonio Ferrão	»	1 h - 50'	83	18	24	—	«As Origens e Causas da Guerra Actual» — 4. ^a lição.
»	»	12	Antero de Seabra.	»	1 h	63	28	5	300	«O Corpo Humano» — 22. ^a lição.
»	»	16	Dr. Antonio Ferrão	»	1 h - 25'	78	14	13	—	«As Origens e Causas da Guerra Actual» — 5. ^a lição.
»	»	19	Antero de Seabra.	»	0 h - 50'	54	23	6	300	«O Corpo Humano» — 23. ^a lição.
»	»	23	Dr. Antonio Ferrão	»	1 h - 20'	71	17	10	—	«As Origens e Causas da Guerra Actual» — 6. ^a lição.
»	»	30	Dr. Antonio Ferrão	»	1 h - 35'	42	11	14	—	«As Origens e Causas da Guerra Actual» — 7. ^a lição.
»	Fev. ^o	6	Dr. Antonio Ferrão	»	1 h - 45'	76	15	13	—	«As Origens e Causas da Guerra Actual» — 8. ^a lição.
»	»	9	Antero de Seabra.	»	1 h - 15'	41	12	9	300	«O Corpo Humano» — 24. ^a lição.
»	»	16	Antero de Seabra.	»	0 h - 45'	57	29	9	300	«O Corpo Humano» — 25. ^a lição.
»	»	20	Dr. Antonio Ferrão	»	1 h - 40'	89	22	14	—	«As Origens e Causas da Guerra Actual» — 9. ^a lição.
»	Março	1	Antero de Seabra.	»	1 h	69	24	2	300	«O Corpo Humano» — 26. ^a lição.
»	»	8	Antero de Seabra.	»	1 h - 35'	36	7	3	300	«O Corpo Humano» — 27. ^a lição.
»	»	15	Antero de Seabra.	»	1 h	38	19	4	300	«O Corpo Humano» — 28. ^a lição.
»	»	19	Dr. Antonio Ferrão	»	1 h - 30'	92	15	15	—	«As Origens e Causas da Guerra Actual» — 10. ^a lição.
»	»	26	Dr. Antonio Ferrão	»	1 h - 30'	89	22	—	—	«As Origens e Causas da Guerra Actual» — 11. ^a lição.
»	»	29	Antero de Seabra.	»	0 h - 25'	54	27	6	300	«O Corpo Humano» — 29. ^a lição.
»	Abril	2	Antero de Seabra.	Na Faculd. de Medicina	1 h - 45'	55	15	—	300	«O Corpo Humano» — 30. ^a lição.
»	»	5	Antero de Seabra.	Universidade Livre	0 h - 55'	29	12	28	300	«O Corpo Humano» — 31. ^a lição.
»	»	9	Antero de Seabra.	Na Faculd. de Medicina	0 h - 50'	27	13	—	300	«O Corpo Humano» — 32. ^a lição.
»	»	12	Antero de Seabra.	Universidade Livre	0 h - 35'	29	16	3	—	«O Corpo Humano» — 33. ^a lição.
»	»	15	Dr. Manoel de Vasconcellos	»	1 h - 30'	47	16	16	*1000	«Hygiene Industrial» — 1. ^a lição.
»	»	16	Dr. Antonio Ferrão	»	1 h - 20'	46	14	8	—	«As Origens e Causas da Guerra Actual» — 12. ^a lição.
»	»	19	Antero de Seabra.	»	0 h - 40'	42	16	—	300	«O Corpo Humano» — 34. ^a lição.
»	»	22	Dr. Manoel de Vasconcellos	»	1 h - 05'	47	11	18	—	«Hygiene Industrial» — 2. ^a lição.
»	»	26	Antero de Seabra.	»	0 h - 30'	33	16	7	300	«O Corpo Humano» — 35. ^a lição.
»	»	29	Dr. Manoel de Vasconcellos	»	1 h - 20'	28	8	11	—	«Hygiene Industrial» — 3. ^a lição.
»	Maio	3	Antero de Seabra.	»	0 h - 35'	23	12	—	300	«O Corpo Humano» — 36. ^a lição.
»	»	6	Dr. Manoel de Vasconcellos	»	1 h - 10'	17	8	—	—	«Hygiene Industrial» — 4. ^a lição.
»	»	7	Dr. Antonio Ferrão	»	1 h - 20'	36	9	13	—	«As Origens e Causas da Guerra Actual» — 13. ^a lição.
»	»	14	Dr. Manoel de Vasconcellos	»	1 h - 20'	48	13	—	—	«Hygiene Industrial» — 5. ^a lição.
»	»	14	Dr. Antonio Ferrão	»	1 h - 10'	41	17	27	—	«As Origens e Causas da Guerra Actual» — 14. ^a lição.
»	»	17	Antero de Seabra.	»	0 h - 40'	27	10	—	300	«O Corpo Humano» — 37. ^a lição.
»	»	21	Dr. Manoel de Vasconcellos	»	1 h - 10'	41	7	12	—	«Hygiene Industrial» — 6. ^a lição.
»	»	24	Antero de Seabra.	»	0 h - 35'	42	19	2	300	«O Corpo Humano» — 38. ^a lição.
»	»	28	Dr. Manoel de Vasconcellos	»	1 h - 05'	29	8	9	—	«Hygiene Industrial» — 7. ^a lição.
»	»	28	Dr. Antonio Ferrão	»	2 h - 15'	33	10	27	—	«As Origens e Causas da Guerra Actual» — 15 lição.
»	»	31	Antero de Seabra.	»	0 h - 45'	34	13	3	300	«O Corpo Humano» — 39. ^a lição.
»	Junho	7	Antero de Seabra.	»	0 h - 50'	35	9	—	300	«O Corpo Humano» — 40. ^a lição.
»	»	11	Dr. Manoel de Vasconcellos	»	0 h - 50'	28	9	6	—	«Hygiene Industrial» — 8. ^a lição.
»	»	14	Antero de Seabra.	»	0 h - 35'	28	9	—	300	«O Corpo Humano» — 41. ^a lição.
»	»	18	Dr. Manoel de Vasconcellos	»	1 h - 30'	31	7	24	—	«Hygiene Industrial» — 9. ^a lição.
»	»	21	Antero de Seabra.	»	0 h - 40'	31	6	—	200	«O Corpo Humano» — 42. ^a e 43. ^a lições.
»	»	25	Dr. Manoel de Vasconcellos	»	1 h - 30'	31	6	22	—	«Hygiene Industrial» — 10. ^a lição.
»	»	28	Antero de Seabra.	»	0 h - 15'	17	5	—	200	«O Corpo Humano» — 44. ^a e 45. ^a lições.
Soma					47 h - 50'	3323	905	484	12000	

CURSOS FIXOS

Ano lectivo de 1915-1916

Cursos e nomes dos professores	Numero de lições	Assistencia			Clichés	Tempo de duração
		Cava-theiros	Senho-ras	Média		
Português — Joaquim Otto Xavier de Sequeira Coutinho e Arthur Lobo de Campos	14	331	136	33	—	13 ^h
Francês — 1.º Ano — Alfredo Apell	31	2181	834	97	145	30 ^h — 40'
Francês — 2.º Ano — Alfredo Apell	30	1119	433	51	99	32 ^h
Inglês — 1.º Ano — Bernardo Vila Nova	34	772	318	32	6	34 ^h
Inglês — 2.º Ano — Agostinho d'Almeida e de Paiva	28	321	166	17	21	28 ^h
Esperanto — Ernesto de Maia . . .	8	61	34	12	—	8 ^h
Geografia — Oscar Amandio Costa e Sousa	43	142	104	6	—	38 ^h
Desenho de Ornato — Rodrigo de Castro	69	920	41	14	—	85 ^h — 10'
Desenho Geometrico — Eduardo Cosmelli de Sant'Ana	11	124	24	13	—	12 ^h
Escrituração Comercial — 1.º Ano — João de Mattos Rodrigues . .	35	1407	185	45	—	36 ^h
Escrituração Comercial — 2.º Ano — João de Mattos Rodrigues . .	31	291	52	11	—	31 ^h
Arithmetica Elementar — Oscar Amandio Costa e Sousa	94	1266	603	19	—	100 ^h — 45'
Calculo Comercial — Luciano José d'Oliveira Ribeiro	25	165	20	7	—	22 ^h — 30'
Caligrafia — José Soares d'Almeida	28	376	61	15	—	27 ^h — 30'
Taquigrafia — Manoel Joaquim da Costa	18	149	61	10	—	17 ^h — 15'
Dactilografia — José Antunes Fernandes e Manoel de Sousa Bandeira Marques da Costa	97	677	539	13	—	211 ^h — 30'
Modelagem — Rodrigo de Castro .	29	116	3	4	—	36 ^h
Soma	625	10418	3614	—	271	763 ^h — 20'

Mapa do grau de habilitações dos individuos que se inscreveram nos cursos praticos de 1915-16

Cursos praticos	Magisterio Primario	1.º ano dos liceus	2.º ano dos liceus	3.º ano dos liceus	4.º ano dos liceus	5.º ano dos liceus	6.º ano dos liceus	7.º ano dos liceus	Instrução primaria 1.º gráu	Instrução primaria 2.º gráu	Ler e escrever	Diversos exames	Curso elementar de telegrafia	Curso da Escola Normal	Curso do Conservatorio	Curso Escola Auxiliâr de Medicina	Curso elementar do Comercio	Curso liceu Maria Pia	Curso de pharmacia	Curso da Casa Pia	Curso de Medicina	Curso Academia Comercio e Exportação	Escola Indust Machado Castro	Escola Rodrigues Sampaio	Escola Ferreira Borges	Escola Marquez de Pombal	Escola Affonso Domingues	Total	
Português	—	2	2	2	—	—	—	—	2	56	5	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	4	—	—	—	74	
Francês—1.º e 2.º ano.	2	6	8	5	2	1	1	1	21	141	5	5	2	1	—	2	2	—	1	1	—	—	1	7	3	—	—	223	
Inglês—1.º e 2.º ano	4	2	5	7	1	2	—	1	4	44	4	2	1	—	—	—	5	1	1	1	1	—	—	5	2	—	2	95	
Esperanto	—	—	—	—	—	—	—	1	2	5	1	3	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	15	
Geografia	—	—	1	1	—	—	—	—	—	8	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	11	
Desenho—Ornato e geometrico.	—	2	2	1	—	—	—	—	8	41	11	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	1	68	
Escrituração commercial—1.º ano.	—	1	5	4	—	1	—	1	7	69	4	1	—	—	1	—	2	1	—	—	—	1	—	9	—	—	1	108	
Escrituração commercial—2.º ano.	—	—	2	—	—	—	—	1	1	7	—	1	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	14	
Arithmetica elementar	—	3	4	2	—	—	—	—	2	46	4	—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	3	—	—	—	66	
Calculo commercial.	—	1	3	2	—	—	—	—	—	6	—	1	—	—	—	—	2	1	—	—	—	—	—	3	1	—	—	20	
Caligrafia	—	1	3	6	—	—	—	—	5	37	1	4	—	—	—	—	4	1	—	—	—	—	—	2	2	1	—	67	
Taquigrafia.	—	1	1	3	1	—	—	—	2	11	—	3	—	—	—	—	2	1	—	—	—	—	—	3	1	1	—	30	
Dactilografia	1	3	1	7	—	1	—	4	3	46	1	3	—	—	—	—	3	—	—	—	—	—	—	8	—	—	—	81	
Modelagem	—	—	—	—	—	—	—	—	2	8	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	13		
Total	7	22	37	40	4	5	1	9	59	525	38	24	4	1	1	4	24	5	2	2	1	1	1	14	6	10	4	8	885

Mapa das profissões dos individuos que se inscreveram nos cursos praticos de 1915-16

Cursos praticos	Alfaiates	Barbeiros	Carpinteiros	Cabeleiros	Cravadores	Cortadores	Cosmeiros	Comerciantes	Desenhadores	Domesticos	Estudantes	Enfermeiros	Estudadores	Estofadores	Encadernadores	Empregados do commercio	Empregados de escritorio	Empregados bancarios	Empregados de farmacia	Empregados C.º de Ferro	Empregados da Alfandega	Empregados publicos	Electricistas	Fundidores	Farmaceuticos	Industriaes	Medicos	Mecanicos	Modistas	Marceneiros	Operarios	Ourives	Professores	Proprietarios	Praças do exercito	Praças da armada	Pintores	Serralheiros	Sapateiros	Scenografos	Tipografos	Torneiros	Telegrafistas	Violinista	Profissões indefinidas	Total	
Portuguêa	-	-	1	-	-	-	-	-	1	2	21	1	1	1	1	17	3	-	2	1	1	4	-	-	-	-	1	-	-	-	1	2	1	-	2	4	1	2	-	-	1	-	-	1	-	74	
Francês — 1.º e 2.º ano . . .	-	4	4	2	1	1	-	-	1	11	42	2	1	1	2	80	15	-	3	3	2	5	1	1	1	2	-	1	1	1	2	4	5	8	-	1	6	4	2	-	1	1	3	1	-	293	
Inglês — 1.º e 2.º ano . . .	-	-	-	-	-	1	1	-	-	6	19	1	-	-	-	34	6	4	-	-	-	3	-	-	-	1	1	1	1	-	-	-	5	2	1	6	4	2	-	1	1	1	1	1	-	95	
Esperanto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4	-	2	-	-	1	2	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	15		
Geografia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11	
Desenho—Ornato e Geometrico	1	-	7	-	-	-	-	-	-	-	14	1	10	2	1	5	1	-	1	-	1	-	2	1	1	-	1	-	-	-	4	1	4	-	-	-	4	3	2	1	-	-	1	-	-	68	
Escrituração comercial 1.º . .	-	3	-	-	-	1	-	-	-	4	14	-	-	-	-	56	11	-	3	2	-	3	-	-	-	1	-	1	-	-	1	1	2	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	108
Escrituração comercial 2.º . .	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	6	1	3	-	1	-	3	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	4	3	2	1	-	-	-	-	14	
Arithmetica elemental	-	1	1	-	-	1	-	-	-	5	23	1	1	-	-	20	2	2	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	2	-	-	-	1	-	1	-	66	
Calculo comercial	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	-	7	2	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	20	
Caligrafia	-	2	-	-	-	1	-	-	-	4	13	1	-	-	-	27	7	3	-	3	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	67	
Taquigrafia	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	9	-	-	-	-	10	5	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	30	
Dactilografia	-	1	-	-	-	1	-	-	-	7	36	1	-	-	-	25	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	81	
Modelagem	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	3	-	-	1	-	-	-	-	-	-	13	
Total . . .	1	11	14	2	1	6	1	1	2	41	208	8	19	4	4	290	51	13	11	11	4	0	3	3	2	7	1	5	1	7	11	18	17	1	17	11	13	11	3	3	6	5	3	3	1	885	

Balancête do mês de Julho de 1916

DEVE (Receita)

Saldo do mês de Junho		145\$26,5
Subscritores:		
Cobrança deste msê	146\$26	
Efectivos:		
Idem.....	13\$60	
Subsidios:		
Da Camara Municipal — Junho..	20\$00	
Da Assistencia — Junho	15\$00	35\$00
Devedores e Credores		
Maximiano Sousa Rodrigues — S/entrega.	10\$00	
Cartões de identidade:		
Por varios	\$70	
Certificado		
Por um passado	\$20	
Estatutos:		
Por varios.....	2\$00	
Donativos		
Diversos recebidos	1\$88	
Gastos gerais:		
Recebido de José Fernandes	1\$50	211\$14
		<u>356\$40,5</u>

HAVER (Despêsa)

Rendas adiantadas:		
Pela de Agosto	35\$00	
Propaganda:		
Conta de Eduardo Rosa	42\$50	
» de Lamas & Franklin.....	5\$80	48\$30
Percentagens:		
Ao cobrador Evaristo	6\$97	
» » Silva	8\$54	15\$51
Moveis e Utensilios		
Conta de Domingos A. Rosa	33\$41	
Gastos gerais:		
Pelas deste mês.....	85\$21	217\$43
Saldo para Agosto.....		138\$97,5
		<u>356\$40,5</u>

Balancête do mês de Agosto de 1916

DEVE (Receita)

Saldo do mês de Julho.....		138\$97,5
Subscritores:		
Cobrança deste mês	82\$48	
Efectivos:		
Idem	7\$00	
Subsidios:		
Da Camara Municipal meses Ju-		
lho e Agosto	40\$00	
Do Ministerio da Instrução idem	33\$32	
Da Assistencia mês de Julho....	15\$00	88\$32
Juros:		
Liquidados ao deposito relativo ao 1.º se-		
mestre de 1916.....	11\$50	
Gastos gerais:		
Recebido de José Fernandes.....	1\$50	190\$75
		<u>329\$72,5</u>

HAVER (Despeza)

Rendas adiantadas:		
Pela de Setembro	35\$00	
Montepio Commercial e Industrial:		
Depositos effectuados	20\$00	
Propaganda:		
c/Lamas & Frankelin.....	4\$60	
Percentagens:		
Ao cobrador Silva	4\$23	
» » Evaristo.....	4\$50,5	8\$73,5
Moveis e utensilios:		
c/Sociedade Luzo America.....	76\$00	
» Domingos A. Roza.....	6\$50	82\$50
Despezas gerais:		
Deste mês.....	82\$03	232\$86,5
Saldo para Setembro.....		96\$86
		<u>329\$72,5</u>